# Capítulo III — Solução do problema

Havia muito tempo que um fundidor de Florença exercia a sua arte com êxito maravilhoso. O segredo da sua glória consistia em preparar habilmente o molde em que vazava, por sua vez, o ouro, a prata, o bronze. Um dia a municipalidade de Florença lhe encomenda a estátua de um dos grandes homens da República, e o arcebispo um baixo-relevo para uma das capelas do célebre Duomo. A glória da pátria e o amor da religião comunicam ao artista um ardor novo: sob essa dupla inspiração, o seu gênio concebe uma obra-prima. Por desgraça, só tinha então em sua oficina o molde de um cavalo. Não importa, pensa consigo, combinarei tão bem os metais que remediarei esse inconveniente. Com efeito, a prata e o ouro, sabiamente misturados, correm juntos no molde. Espera-se um herói de formas antigas: o artista quebra o molde e dele tira... um cavalo!

Como errei!, diz ele; mas conheço o meu erro. Não empreguei os meus metais em proporções convenientes. No mesmo instante volta à obra, forma uma nova combinação e refaz um molde semelhante ao primeiro. Poucos dias depois, nova fundição. Desta vez, o artista trabalha para o arcebispo, que espera o seu baixo-relevo. O molde é aberto e dá ainda um cavalo semelhante ao primeiro!

É imperdoável!, exclama o artista, batendo na testa. Como pude esquecer que o ouro e a prata não são os verdadeiros metais do fundidor? O verdadeiro metal do fundidor é o bronze. Com ele, nenhum erro é possível; conheço-o, ele me conhece, somos velhos amigos. E prepara o seu bronze com zelo ciumento, e repara o seu molde, que se guarda bem de mudar, e estuda longamente todas as condições do problema. Quando estão resolvidas, acende os fornos; logo o metal da mais bela tonalidade corre em jatos ofuscantes para dentro do molde, que dá... um soberbo cavalo de bronze, mas sempre um cavalo.

Então o infeliz artista cai em desespero; atribui a tudo, menos a si, o seu infortúnio, e morre sem ter podido compreender que, para mudar uma forma, é preciso mudar o molde.

Povos da Europa, sois o fundidor de Florença.

Desde o século XV, vazais os vossos filhos num molde pagão, e vos espantais de não tirar deles cristãos! Ouvi a vossa história.

Durante toda a Idade Média, a educação foi exclusivamente cristã. Nunca os livros pagãos eram postos como clássicos nas mãos da juventude. Ela só os tocava na idade em que o espírito, o coração, a imaginação, a alma enfim, vazada no molde do cristianismo, havia tomado a sua forma

definitiva; em que, por conseguinte, o paganismo já não podia imprimir na criança senão uma forma secundária, sem influência sobre o fundo do ser moral. Então o cristianismo era para a educação o que são nos nossos banquetes os pratos substanciosos que saciam a fome dos convivas; e o paganismo, o que são as ninharias que compõem as nossas sobremesas.

Que resultava daí? O que resultará sempre da educação, isto é, que desde o berço as jovens gerações, nutridas de cristianismo, penetradas de cristianismo, criadas no conhecimento, no amor, na admiração do cristianismo, no entusiasmo das suas glórias e das suas obras, transmitiam à sociedade o que tinham recebido. E a sociedade era cristã, profundamente cristã. E essa sociedade cristã criou uma Europa maravilhosa de grandeza, de força, de virtudes heroicas, e a cobriu de monumentos prodigiosos, cujas inimitáveis belezas formam apenas a menor parte da sua glória.

Por volta do fim do século XV, quebrastes o molde cristão e o substituístes por um molde pagão. As jovens gerações nele foram lançadas, e essa cera mole tomou a forma do molde, e resultou o que necessariamente devia resultar: as jovens gerações nutridas de paganismo, criadas na admiração do paganismo, começaram a mostrar-se pagãs e a transmitir à sociedade o que tinham recebido. Se, desde a primeira fundição, não foram de todo pagãs, atribuí-o à ação do cristianismo que, ainda dominante na família e na sociedade, impediu uma transformação completa e repentina.

Todavia, tal foi a influência desse primeiro ensaio que se viram, coisa profundamente digna de nota!, todos os chefes da grande revolta do século XVI contar-se entre os mais ardentes discípulos do paganismo clássico, gloriar-se de haver sido lançados no molde pagão, exaltar os homens que os haviam lançado nele, mergulhar nele cada dia de novo, convidando todos a imitá-los, e fazendo da sua nova forma uma arma contra a Igreja, cuja língua, ciências e artes começaram a acusar de barbárie.

O perigo tornava-se cada vez mais sério: a religião e a sociedade perdiam visivelmente terreno. Voltou-se à obra, e tentou-se formar uma geração nova que, profundamente cristã, contrabalançasse a ação desastrosa da que deixava de o ser ou que já não o era: começou a grande reação católica do século XVI. Chamados a concorrer para ela, os doutores mais experimentados, as ordens religiosas mais sábias redobraram de atividade. O mais hábil desses grandes corpos, a imortal Companhia de Jesus, pareceu criada de propósito para socorrer a Igreja e a sociedade na educação. Dedicou-se a ela sem reserva, adotando contudo, como os seus companheiros de armas, o molde pagão. Assim o pedia a opinião pública, que já não conhecia outra forma do belo.

Ninguém ignora, com efeito, que o século XVI foi a idade de ouro da Renascença; a época por excelência do culto do antigo na literatura, na poesia; a época dos artistas, dos helenistas, dos humanistas pagãos que formigavam em todas as partes da Europa, e cujos ecos não cessavam de repetir os seus ditirambos em honra dos gregos e dos romanos. Logo os colégios da ilustre Companhia cobriram o solo da Europa. Uma juventude numerosa, e sobretudo a juventude pertencente às classes superiores, apinhou-se em torno das cátedras dos ilustres religiosos. A ciência, a virtude, a dedicação, a paternidade dos mestres, a ortodoxia da sua doutrina, a variedade e o brilho das cerimônias religiosas celebradas em suas casas, tudo parecia reunido para fazer reviver e perpetuar na sociedade em geral, e sobretudo nas condições elevadas, a fé

vigorosa da Idade Média.

Paralelamente aos padres jesuítas, os beneditinos, os oratorianos e muitos outros rivalizavam em ciência e zelo, ao passo que as universidades, ricas de professores não menos distintos pelo saber que pela virtude, concorriam para a restauração universal, coroando, em suas doutas lições, o edifício, em aparência tão solidamente concebido, do ensino católico.

Qual foi o resultado final dessa ação tão geral e tão bem combinada? O mesmo que obtivera o fundidor de Florença. Tinham-se vazado as gerações no molde do paganismo, e tiveram-se gerações pagãs. Segundo a grande lei que preside à vida humana, essas gerações não tardaram a transmitir o que tinham recebido, e o paganismo transbordou sobre a Europa. Ai! sim, a história, a triste história o diz: em vez de reanimar-se, o espírito cristão foi enfraquecendo, e enfraquecendo sobretudo nas classes letradas, entre as quais devia, graças ao zelo de tantos excelentes mestres, despertar com um vigor novo. A ponto, todos o sabem, de que, no fim do século XVII e no começo do XVIII, nada havia em toda a Europa menos cristão em costumes e crenças do que os homens que mais largamente haviam participado do ensino público.

Que esses frutos amargos tenham sido, salvo talvez um pequeno número e dos menos maus, produzidos pela árvore pagã replantada no seio da Europa e cultivada com tanto cuidado para o alimento da juventude, uma observação de outra ordem vem confirmá-lo. De um lado, as mulheres, em cuja educação não entra, ou só entra em dose mínima, o elemento pagão, mostraram-se constantemente muito mais cristãs que os homens; de outro, as classes populares, preservadas do mesmo flagelo, permaneceram fiéis à fé antiga e só acabaram por tornar-se hostis à religião sob a influência, duas vezes secular, das classes educadas na escola dos gregos e dos romanos.

Fundidor de Florença, nem a tua arte nem a tua intenção podem mudar a natureza das coisas: enquanto vazares os teus metais num molde de cavalo, terás um cavalo.

Povos da Europa, enquanto lançardes a juventude no molde do paganismo, tereis gerações pagãs: nem as vossas leis sobre o ensino, por mais liberais que possam ser, nem o talento dos vossos professores, nem as vossas intenções mudarão nada.

Pensar o contrário é um erro. Esse erro, cometestes-o; cometeis-o cada dia, há mais de três séculos: eis o verme que vos rói.

Tal é a solução do problema.

Pelas consequências formidáveis com que ameaça hoje o mundo europeu, a aberração que acabamos de descrever acabou por tornar-se tão evidente que os homens menos suspeitos de parcialidade não podem deixar de assinalá-la em voz alta. Sob pena de uma catástrofe inevitável e talvez fatal, conjuram a sociedade a mudar de sistema. Baste referir, feita aliás toda reserva, as palavras tão cheias de bom senso de um membro da Assembleia Nacional, por ocasião da última lei sobre o ensino:

> *Desde o começo deste debate, diz ele, a Universidade e o clero atiram-se as acusações como bolas. Vós perverteis a juventude com o vosso racionalismo filosófico, diz o clero. Vós a embruteceis com o vosso dogmatismo religioso, responde a Universidade. Surgem os conciliadores que dizem: A religião e a filosofia são irmãs. Fundamos o livre exame e a autoridade. Universidade, clero, tivestes cada um por sua vez o monopólio; dividi-o, e que isso acabe.*

> *Ouvimos o venerável bispo de Langres apostrofar assim a Universidade: "Foi a vós que devemos a geração socialista de 1848!" E o Sr. Crémieux apressou-se em retorquir a apóstrofe nestes termos: "Foi a vós que criastes a geração revolucionária de 1793."*

> *Se há verdade nessas alegações, que se deve concluir? Que os dois ensinos foram funestos, não pelo que os diferencia, mas pelo que lhes é comum. Sim, é minha convicção: há entre esses dois ensinos um ponto comum, o abuso dos estudos clássicos, e é por aí que ambos perverteram o juízo e a moralidade do país. Diferem em que um faz predominar o elemento religioso, o outro o elemento filosófico; mas esses elementos, longe de terem feito esse mal, como se acusam mutuamente, atenuaram-no. Devemos-lhes não sermos tão bárbaros quanto os Bárbaros incessantemente propostos pelo latinismo à nossa imitação.*

> *Permitam-me uma suposição um tanto forçada, mas que fará compreender o meu pensamento. Suponho, pois, que exista em algum lugar, nos antípodas, uma nação que, odiando e desprezando o trabalho, tenha fundado todos os seus meios de existência na pilhagem sucessiva de todos os povos vizinhos e na escravidão. Essa nação fez para si uma política, uma moral, uma religião, uma opinião pública conformes ao princípio brutal que a conserva e a desenvolve. Tendo a França dado ao clero o monopólio da educação, este não encontra nada melhor a fazer do que enviar toda a juventude francesa a esse povo, para viver da sua vida, inspirar-se nos seus sentimentos, entusiasmar-se com os seus entusiasmos e respirar as suas ideias como o ar. Tem apenas o cuidado de que cada escolar parta munido de um pequeno volume chamado o Evangelho. As gerações assim educadas voltam ao solo da pátria: eclode uma revolução: deixo ao leitor imaginar o papel que nela desempenham.*

> *Vendo isso, o Estado arranca ao clero o monopólio do ensino e o entrega à Universidade. A Universidade, fiel às tradições, envia também ela a juventude aos antípodas, ao povo pilhador e possuidor de escravos, depois de a ter, todavia, abastecido de um pequeno volume intitulado: Filosofia. Cinco ou seis gerações assim educadas mal reveem o solo natal, quando uma segunda revolução vem a eclodir. Formadas na mesma escola que as suas antecessoras, mostram-se suas dignas êmulas. Então começa a guerra entre os monopolizadores. Foi o vosso livrinho que fez todo o mal, diz o clero. Foi o vosso, responde a Universidade.*

> *Ora, não, senhores, os vossos livrinhos nada têm a ver com isto. O que fez o mal foi a ideia bizarra, por vós dois concebida e executada, de enviar a juventude francesa, destinada ao trabalho, à paz, à liberdade, a impregnar-se, embeber-se e saturar-se dos sentimentos e das opiniões de um povo de bandidos e de escravos. Afirmo o seguinte: as doutrinas subversivas a que se deu o nome de socialismo ou comunismo são fruto do ensino clássico, seja ele ministrado pelo clero ou pela Universidade. Acrescento que o bacharelado imporá à força o ensino clássico até mesmo a essas escolas pretensamente livres que, dizem, devem surgir da lei.*[1]

Mas ouço; protesta-se e diz-se: 1º o senhor é demasiado absoluto: a mudança de molde, para lembrar a sua expressão, não foi tão completa como diz; 2º ainda que fosse, atribui a uma simples forma uma influência exagerada: ora, o paganismo clássico ou a Renascença não é outra coisa senão uma forma nova dada ao pensamento; 3º admitindo essa influência, deve reconhecer que era, se não absolutamente necessária, ao menos muito útil para tirar a Europa da barbárie.

---

**Notas**

[1] *Baccalauréat et Socialisme* [Bacharelado e socialismo], por F. Bastiat, IV, 12.

---

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:11 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:11 by Admin